

## **O hierogamos de Inanna e Dumuzi: sexualidade, religião e política na Mesopotâmia**

---

 **Simone Aparecida Dupla**

Especialista em História, Arte e Cultura  
Universidade Estadual de Ponta Grossa

---

### **Resumo:**

Inanna-Ishtar foi a deusa mais importante na história das culturas mesopotâmicas. Foi capaz de metamorfosear-se, de tomar poderes e símbolos para si e tramar estratégias para sobreviver em um universo patriarcal. Este artigo analisa o texto literário sumeriano conhecido como *A corte de Inanna e Dumuzi*, datado do final do terceiro milênio antes da Era Comum, e inscrições reais datáveis do período babilônico antigo que faziam menção a essa divindade. Inanna esteve ligada a muitos campos de ação do homem religioso mesopotâmico. Seu modo de governar possuía atributos singulares, pois ela não governava apenas os homens, os deuses e a natureza; governava a força motriz que os fazia viver e sobreviver sobre a terra. Percebeu-se, ao longo da análise documental, que as transformações ocorridas no culto em contextos diversos foram resultado da ação de interesses tanto templários quanto políticos.

---

### **Palavras-chave:**

Mesopotâmia  
Inanna (Divindade sumeriana)  
Literatura religiosa sumeriana



O território que corresponde ao atual Iraque foi conhecido na Antiguidade com o nome de Mesopotâmia, termo grego que significa “entre rios”. Essa região foi palco dos primeiros processos de sedentarização de grupos humanos, cujas vivências históricas desencadeiam em grupos urbanos complexos desde meados do terceiro milênio antes da Era Comum (a.E.C.). Centro cultural do Oriente Próximo, a Mesopotâmia pode ser dividida em quatro regiões: Suméria (III milênio) e Babilônia (II e I milênio) ao sul, Acádia (III milênio) e Assíria (II e I milênio) ao norte, Elam a leste, e Síria a oeste. Daí decorre um dos epítetos muito usados pelos reis mesopotâmicos, o de Senhor das quatro regiões.<sup>1</sup>

Palco de uma multiplicidade de sujeitos históricos e inúmeros sistemas simbólicos, esse território foi fundado em ideias religiosas voltadas à realidade geográfica e social de seus habitantes. Essas ideias foram perpetuadas na memória coletiva, a princípio, por meio da oralidade, a qual posteriormente foi acrescentada um sistema gráfico.

Sanmartín e Serrano apontam dois métodos diversos de memória coletiva: uma ideológica, que apresenta uma visão do passado como causa e fundamento do presente, algo similar a eras ou períodos; e uma visão prática, como garantia política, econômica e jurídica do presente, uma visão concreta das relações políticas, negócios, heranças etc. Contudo, alerta que “a história na Mesopotâmia é sempre obra de seus deuses que decretam seu destino. Todo acontecimento presente, sem exceção, provem de um ato de vontade de um deus”.<sup>2</sup>

Essa relação entre história, política e religião era uma singularidade das culturas mesopotâmicas, cujo mundo era governado por deuses em um sistema hierárquico espelhado nas experiências humanas.

Essa macrocultura na qual surgiu a religião mais antiga da humanidade de que se têm registros até o momento apresentava, em suas cosmogonias e hierofanias, o elemento feminino ocupando papéis centrais na criação do universo e na organização da vida econômica, política e cotidiana. Entre as diversas divindades femininas, destaca-se Inanna, “Deusa da Vida e das Infinitas Manifestações da Vida”. Muitas características de seu culto e de

1 Joaquin Sanmartín e José Miguel Serrano, *Historia antigua del Próximo Oriente: Mesopotamia y Egito*, Madrid, Akal, 2008, p. 12.

2 Sanmartín e Serrano, *Historia antigua del Próximo Oriente*, p. 17.

sua personalidade deixam-se entrever nos textos literários produzidos para fins litúrgicos ou políticos.

Dos aspectos do culto a essa divindade chamam atenção suas funções primordiais, ou seja, aquelas características que se constituíram *ab origine*, que permaneceram ao longo dos milênios, mesmo que de forma velada. Inanna era uma deusa capaz de metamorfosear-se, de tomar poderes e símbolos para si, de tramar estratégias para sobreviver em um universo patriarcal. As fontes escritas sobre essa divindade, principalmente no que se refere à hierogamia, datam do final do terceiro milênio e foram exumados em sua maior parte nos sítios arqueológicos ao sul do país, nas cidades de Ur, Isin e Uruk.

## **Documentos e símbolos: cultura material e escrita**

Os primeiros documentos escritos surgem no final do IV milênio, e com eles tem início, segundo Sanmartín e Serrano, a história antiga do Oriente Próximo. Mas, como lembram os autores, “começo da história não quer dizer começo da cultura, já que houve épocas culturalmente esplendidas antes que se recorresse à comunicação escrita no seu sentido mais estrito”.<sup>3</sup>

Dessas épocas anteriores à escrita, cuja cultura material atesta o surgimento de comunidades complexas já em 6500 a.E.C., com seu emaranhado de canalização e drenagem dos rios, também são perceptíveis traços de uma religiosidade em torno de figuras femininas mais ou menos estilizadas. A partir de 5000 a.E.C., houve um aumento na produção de cereais e gado, o que provocou o crescimento populacional e o surgimento de setores tecnológicos básicos mais complexos. Era o embrião da cidade-estado sumeriana, que viria a cristalizar-se no período de Uruk arcaico (séculos XXXIII ao XXIX) e cujas relações humanas essenciais estavam a cargo do templo. O templo era a sede administrativa, econômica, política e religiosa das primeiras urbes mesopotâmicas.

Foi ali que surgiu a escrita cuneiforme utilizada para registros administrativos, jurídicos, religiosos e estatais. Como todo sistema de comunicação, também era uma forma de memória da tradição e da cultura em seus mais diversos aspectos. E são esses escritos, descobertos em

3 Sanmartín e Serrano, *Historia antigua del Próximo Oriente*, p. 24.

diversas expedições que relatam as formas de pensamento e organização das sociedades mesopotâmicas. Entre os textos historiográficos exumados, podemos citar textos de cronologia (religiosa-estatal), inscrições reais e os textos literários, sendo estes dois últimos tipos os que utilizamos em nossa análise. Junto da cultura material, os documentos escritos revelam um universo complexo e dinâmico, permeado por conflitos, ideologias e imaginários. Trata-se de um sistema cultural que traz a marca indelével de sua cosmogonia e hierofanias na vida administrativa, econômica, política e cotidiana.

## **Religião e Estado: deuses e humanos**

Na Mesopotâmia, os deuses criaram os homens para servi-los. Para o homem mesopotâmico cada acontecimento era uma vontade divina, concretizando-se ou repetindo-se. As terras, a fauna e a flora pertenciam às divindades e eram obras dessas. Em linhas gerais, poderia se descrever a organização social como um grande latifúndio, onde o rei era o procurador do deus; depois dele vinham os profissionais ligados ao templo, ao palácio e os liberais, cada qual em sua hierarquia; os trabalhadores vinham por último e podiam ser divididos em trabalhadores livres ou cativos por dívidas; além desses, grupos marginais integravam também o sistema.

Como senhores absolutos, os deuses regiam a seu bel prazer à orquestra do mundo terreno, promoviam guerras, discórdias, festas, prosperidade ou destruição. Possuíam características demasiado humanas, amavam, odiavam, tramavam sua ascensão ou a queda de outro deus, violentavam, matavam seus pais, possuíam vários amantes ou sofriam doenças, mas tudo em um grau superlativo.

As representações coletivas nas sociedades mesopotâmicas estavam ligadas primeiramente ao templo. Esse era a casa dos deuses e ali eles viviam com sua família; eram assistidos por funcionários, servos e escravos; recebiam alimentação, vestimentas e oferendas.

Durante a proto-história (sécs. XXXIII ao XXIX), o templo era a sede do poder político, religioso e administrativo. A partir da dinastia de Ur III (2100-2000), o templo foi aos poucos perdendo seu poder absoluto no setor econômico. A exaltação do poder real, a burocratização do Estado e o aparecimento de um setor que se poderia denominar, embora com margens

de erro, de semiburguesia, colocou alguma “distância” entre templo e palácio, ou pelo menos novas formas de relação entre dois poderes constantemente entrelaçados. Para Sanmartín e Serrano, essa aparição do setor semiburguês

implicava certo individualismo, constatável em primeiro lugar no âmbito econômico, mas também no religioso: ganha importância o chamado *deus pessoal* e cede terreno, no plano de piedade popular, o deus da cidade, e com ele seu templo.<sup>4</sup>

A relação entre o templo e o palácio permaneceu por toda a história mesopotâmica, fosse para legitimar o poder real ou para manter o poder do templo. Mas deve-se levar em conta que essas formas de poder mantinham relações estreitas com os substratos populares, os quais precisavam ser apascentados para a harmonia do corpo social, o que incluía muitas vezes ceder ou se adaptar em relação às crenças oriundas desses grupos.

## Mito e realidade: religiosidade e política

A mitologia mesopotâmica esteve relacionada ao mundo ao seu redor. O mundo dos deuses era um reflexo das relações humanas, dos ciclos da natureza e sua interação com os astros.<sup>5</sup> A narrativa mitológica, nesse sentido, pode ser percebida como uma produção cultural ligada a contextos históricos específicos.

Para Mircea Eliade, era por meio da recitação e da reencenação do mito que o *homo religiosus* retornava *in illo tempore*, voltava ao princípio da História, sendo o tempo profano abolido.<sup>6</sup> Ele experimentava diversas temporalidades e, assim, podia regressar ao momento do surgimento dos deuses, da criação dos mundos, ou ao instante em que o primeiro homem surgiu retirado do pó, como Adão no mito hebreu, ou criado do sangue e ossos de um deus sacrificado, no caso do mito de criação mesopotâmico.

4 Sanmartín e Serrano, *Historia antigua del Próximo Oriente*, p. 55.

5 Ciclos da natureza: ritmos lunares, solares, vegetação, agricultura, sexualidade etc. O termo é utilizado por Mircea Eliade em *Tratado de História das Religiões*, 4. ed., São Paulo, Martins Fontes, 2010.

6 Eliade, *Aspectos do mito*, Rio de Janeiro, Perspectivas do Homem; Edição 70, 1963.

O mito, sendo uma narrativa sagrada ou estatal, deve ser rememorado, lembrado por todas as gerações. São esses documentos (orais, textuais ou arqueológicos) criados para perpetuar a história dos mitos que nos permitem compreender essas culturas, seus universos mentais e narrar, por nossa vez, a história da história de um mito, cujo conteúdo resgata aspectos e guarda características de seu sentido primevo. Isso nos permite, pois, analisar religiosidades esquecidas ou adaptadas em meio às mutações decorrentes dos diversos contextos histórico-temporais.

Ainda segundo Eliade, o mito não pode ser compreendido fora do seu contexto sociorreligioso original, uma vez que, o fenômeno religioso por estar manifestado na história está limitado e condicionado por ela.<sup>7</sup> O mito, portanto, deve ser entendido como uma categoria do real. Na Mesopotâmia, era a religiosidade que ditava a identidade de seus habitantes. Era ela que os mantinha unidos, independentemente da língua que falassem ou do território que ocupassem. Eram os deuses que regiam todos os setores da vida dos habitantes da terra entre dois rios. Na crença em suas hierofanias biológicas, o homem mesopotâmico encontrava seu lugar no Cosmos.

A religiosidade mesopotâmica por ser reflexo do mundo ao seu redor vinculou a ela cultos ancestrais da vegetação e dos ciclos agrários, constituiu assim um papel importante para as mulheres expressa em suas divindades femininas e ligada aos mais diversos campos de conhecimento dessa sociedade.

### **A deusa múltipla: o culto a Inanna e suas personificações no tempo**

Inanna era conhecida por diversos títulos, entre eles: deusa do amor, da atração sexual e da guerra. Inanna possuía templos em Agadé, Kish e Zabalam, porém sua influência foi além das fronteiras da Mesopotâmia. Era conhecida também sob os epítetos Estrela da Manhã e Estrela da Tarde. A ela foram concedidas, a princípio, as personificações de Grande Mãe, sendo a responsável pela abundância das colheitas, assim como pelas dádivas e pelos favores por ela distribuídos.

7 Eliade, *Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*, São Paulo, Martins Fontes, 2002.

Inserida numa comunidade agrícola, por sua ligação com a terra, teve seu culto à fertilidade justificado pela necessidade do homem em prover seu alimento e assegurar por meio dos ritos que suas colheitas não fossem prejudicadas. Daí os valores culturais relacionados às hierofanias biológicas.

No texto de versão acadêmica intitulado *A descida de Ishtar (Inanna) ao mundo inferior*, é perceptível a ligação da deusa com o culto à fertilidade. Prisioneira de Erishkigal, condenada à morte por violar as leis sagradas, a deusa não pode ascender novamente do mundo inferior. Sem sua presença, a vida também se dissolve no mundo dos homens:

Depois da Senhora Ishtar ter descido às profundezas,  
o touro deixou de cobrir a vaca, o burro não fecunda a burra,  
na rua, o homem não fecunda a donzela.  
O homem permanece no seu próprio quarto, a donzela fica ao  
seu lado.<sup>8</sup>

Federico Lara Peinado acredita que Inanna encerrava em si aspectos que a natureza exigia ao ser humano: reprodução e luta. Daí sua vinculação ao amor e à guerra.<sup>9</sup>

As iconografias presentes em cilindros e em vasos escavados em Uruk revelaram símbolos ligados a essa divindade, como a roseta de oito pétalas, os leões subjugados a seus pés e a estrela de oito pontas sempre presentes nos relevos. A roseta e a estrela são símbolos de fertilidade e fecundidade ligados por extremos, o céu e a terra: se um é povoado de estrelas, o outro, por sua vez, enche-se de vida e prosperidade, pois na terra abunda a simbologia dos cultos à vegetação.

No texto sumeriano *A corte de Inanna e Dumuzi*, mito que era reencenado a cada Akitu, a relação com o culto à vegetação aparece seguida posteriormente por modificações, como referências a pecuária e aos conflitos políticos.<sup>10</sup> A Senhora da Vegetação invocava a multiplicação da flora, a

8 “Descida de Ishtar ao Infra-Mundo”, in: Francisco Caramelo (Org. e Trad.), *Textos*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 2006-2007, texto 16, <http://www.fcsh.unl.pt/docentes/fcaramelo/Textos%2016.html>, acesso em 24 jul. 2013.

9 Federico Lara Peinado, *Himnos sumerios*, Madrid, Tecnos, 1988, p. XXVII.

10 O texto é datado do final do terceiro milênio, embora a presença de Inanna e a prática da hierogamia apareçam na cultura material anterior à escrita. O Akitu era uma cerimônia que ocorria durante os últimos dias do ano e os primeiros dias do novo ano. Nesta festa, realizava-se a recitação do *Enuma elish*, o poema da criação, e encenava-se o combate entre Marduk e Tiamat. A vitória de Marduk sobre Tiamat era a vitória sobre o caos. O cosmos era, então, criado do corpo esquartejado de Tiamat e o homem do sangue de Kingu, seu aliado.

prosperidade das colheitas. O sacerdote declamava o poema em forma de invocação. O pronome formulava um desejo e uma ordem:

Nos jardins *que* as alfaces e agriões cresçam alto,  
 No palácio *que* haja longa vida.  
*Que* haja cheia no Tigre e Eufrates,  
*Que* as plantas cresçam altas nas suas margens e encham os  
 campos,  
*Que* a Senhora da Vegetação empilhe grãos em montes e  
 montanhas.<sup>11</sup>

O casamento sagrado entre Inanna e Dumuzi era acompanhado de orações, libações e relações sexuais. Dumuzi era uma divindade antiga, conhecido na mitologia como esposo de Inanna.<sup>12</sup> Na época neossumeriana (2100-2000), os reis identificavam-se com Dumuzi, praticando a hierogamia como seu representante, renovando o ano por meio do casamento sagrado com Inanna.

Diversos reis cantaram hinos a Inanna durante a festa da hierogamia, entre eles Iddin-dagan, Gudea e Su-Su'em. Além disso, diversos reis foram objetos de hinos que referenciavam sua pessoa como o "santo esposo de Inanna", como no hino a Enlilbani; "destinado ao deleite de Inanna", como o rei Shulgi; "desejado para esposo de Inanna", no caso do rei Lipit-Ishtar.<sup>13</sup>

O *hierogamos* garantia o poder temporal do rei, mas também garantia a sobrevivência de um culto ancestral. A sacerdotisa que tomava o lugar de Inanna no casamento sagrado não era apenas a representante da divindade, não estava apenas no lugar dela. Ela era o receptáculo da divindade, o instrumento que permitia o contato não apenas espiritual, mas também mensurável entre o sagrado e o profano, entre o rei e a deusa.

Percebe-se também a relação da divindade com a economia, pois no início do texto há uma explicação detalhada do processo de confecção do

Segundo Mircea Eliade, "essa reatualização ritual do *illud tempus* da primeira epifania de uma realidade está na base de todos os calendários sagrados: a festa não é comemoração de um acontecimento mítico (e, portanto, religioso), mas sim sua reatualização". Eliade, *O sagrado e o profano: a essência das religiões*, São Paulo, Martins Fontes, 1996, p. 73.

11 Samuel Noah Kramer e Diane Wolkenstein, *Inanna queen of heaven and earth: her stories and hymns from Sumer*, New York, Harper & Row, 1983, p. 47, grifo nosso.

12 Peinado, *Himnos sumerios*.

13 Peinado, *Himnos sumerios*.

linho, desde sua colheita até que se torne um lençol para o leito nupcial. Nele também estão presentes produtos como o trigo e a cevada, base da alimentação dos sumerianos. Por meio dos argumentos de Inanna em defesa do lavrador, revela-se a força da agricultura:

O homem de meu coração trabalha a enxada.  
O lavrador! Ele é o homem de meu coração!  
Ele junta os grãos em grandes montes.  
Ele traz os grãos regularmente para meus celeiros [...].  
[...] O lavrador cultiva o linho para minhas roupas.  
O lavrador planta a cevada para minha mesa.<sup>14</sup>

Na segunda parte do documento é possível perceber que o culto era anterior à escrita. Sua relação com a tradição oral pode ser percebida quando Inanna discursa antes de consumir a hierogamia. As palavras dos amantes devem ser lembradas pelos poetas e trovadores, devem passar às novas gerações, devem ser lembradas, rememoradas, reencenadas:

Inanna fala:  
O que eu te digo  
Que o cantor teça em canções.  
O que eu te digo,  
Que passe da boca para o ouvido,  
Que passe do ancião para o jovem.<sup>15</sup>

A perspectiva da repetição pode ser vista nos textos escritos em sumério e em babilônico (semítico), que dizem respeito ao ciclo de Inanna. Observem-se estes trechos compilados por Kramer e Wolkenstein:

Nos primeiros dias, nos dias primordiais,  
Nas primeiras noites, nas noites primordiais,  
Nos primeiros anos, nos anos primordiais,  
Nos primeiros dias, quando tudo o que era necessário foi  
trazido à existência.<sup>16</sup>

Essa ladainha dá ideia de um tempo longínquo, mas que deve ser rememorado, revivido. Segundo Wolkenstein e Kramer, “por essa repetição ser lenta, estudada, quase hipnótica, somos transportados para o interior de uma outra esfera — a do reino eterno dos deuses, da alma, e da origem da

14 Kramer e Wolkenstein, *Inanna queen of heaven and earth*, p. 32-33.

15 Kramer e Wolkenstein, *Inanna queen of heaven and earth*, p. 36.

16 Kramer e Wolkenstein, *Inanna queen of heaven and earth*, p. 4.

vida”.<sup>17</sup> Esta relação com a tradição oral é comentada por Kramer: “antes destes textos, não é de se duvidar que os teólogos e poetas sumerianos tivessem conhecimento de uma tradição histórica segundo a qual Dumuzi desposava ritualmente Inanna na cidade de Eresh”.<sup>18</sup>

Por meio do rito, perceber-se que a divindade se identificava, primeiramente, com a terra-mãe, mantendo sua essência de culto agrário: “minha vulva, minha cornucópia, o Barco dos Céus, esta cheia de expectativa como a lua nova, minha terra que não foi arada está desocupada. E quanto a mim, Inanna, quem irá arar minha vulva?”<sup>19</sup>

No texto *A corte de Dumuzi a Inanna*, as modificações feitas ao culto são perceptíveis à medida que a leitura é feita, revelando que a cultura dos povos mesopotâmicos era dinâmica, procurando legitimar nos mitos as mudanças ocorridas na sociedade sem, no entanto, abrir mão da tradição. O culto a Inanna sofreu diversas alterações ao longo do tempo, seja de ordem política, ao assegurar a intervenção do templo nas questões da administração pública; seja de ordem militar, ao associar o culto a uma deusa do amor aos conflitos internos e externos; ou ainda econômico, ao permitir que outras formas de sustentabilidade e comércio, como a pecuária, interviessem no poder.<sup>20</sup>

Os textos referentes a essa divindade revelaram que diversos elementos foram acrescentados ao seu culto. Inanna influenciou em todos os níveis de poder e conhecimento, pois o rei só poderia julgar se lhe fosse oferecido o bastão dos pastores, que lhe dava autoridade para ditar leis e fazer justiça. Foi possível ainda perceber a ligação de divindade com os conflitos armados, intensificados após a unificação territorial realizada por Sargão I. Inanna, ao tornar-se companheira do rei, o acompanha nos campos de batalha não só como sua protetora, mas também como líder do exército — Gudea a chamava Nin-me: a Senhora da Batalha. O rei era o esposo

17 Kramer e Wolkenstein, *Inanna queen of heaven and earth*, p. 136.

18 Kramer, “Le rite du mariage sacré Dumuzi-Inanna”, *Revue de l’histoire des religions*, 181, 2 (1972), p. 122.

19 Kramer e Wolkenstein, *Inanna queen of heaven and earth*, p. 37.

20 Julian Reade acredita que o menosprezo que ainda hoje existe entre os agricultores em relação aos pastores na região se deve a esse passado longínquo, quando tribos de pastores, como os amoritas, invadiram a Mesopotâmia. Assim, as disputas econômicas deixaram seus reflexos nos mitos e no inconsciente coletivo. Julian Reade, *Mesopotâmia*, Madrid, Akal, 1998, p. 57-58.

obediente, o grande herói que luta por ela e para ela; afinal, como diz um canto da época de Iddin-Dagan, Inanna era a Senhora de todos os países.<sup>21</sup>

*Na batalha eu te lidero.  
No combate sou sua armadura,  
Na assembleia sou tua advogada,  
Na campanha sou sua inspiração.*<sup>22</sup>

Minha senhora, ele [Enlil] to deu como esposo obediente  
[para que] como ele te alegres;  
[...]  
Inanna, concedeste tua força a ele, ao rei:  
Ama-ushumgal-anna<sup>23</sup> se apresenta a ti com luminoso  
esplendor.  
Quando marcha contra o país rebelde, ao longínquo país das  
montanhas, passa os dias no tumulto da luta.<sup>24</sup>

Conflitos armados eram comuns na Mesopotâmia. Reis e reinos sucederam-se no poder durante toda a história dessa civilização. E embora Inanna tenha adquirido o nome semítico de Ishtar, sua influência permaneceu viva de conquista a conquista, pois seu culto se tornou estatal, sua memória era revivida a cada Akitu, quando dividia lugar com o deus Marduk e reencenava-se o combate entre este deus e Tiamat.

Inanna era a deusa diante da qual homens e deuses desfilavam trazendo presentes, oferendas e petições. Ela resolvia querelas, era a Senhora da Justiça, pois “ela conhece o justo e reconhece o malvado, condena o malvado, destroça o perverso, mas ao justo lança um olhar favorável e lhe dá um bom destino”.<sup>25</sup>

Segundo o documento de Iddin-Dagan, a divindade possuía uma estátua de culto que era ornada com joias e manto real. Era invocada pelos guerreiros como uma espécie de patrona dos exércitos, pois o texto diz que “sem dúvida alguma os jovens valorosos (guerreiros) a invocavam”, pois Inanna era aquela que causava pavor durante a luta, aquela que fazia tremer

21 Peinado, *Himnos sumerios*, p. 35.

22 Kramer e Wolkenstein, *Inanna queen of heaven and earth*, p. 45, grifos nossos.

23 Outro nome de Dumuzi: “grande dragão da mãe celeste”.

24 Peinado, *Himnos sumerios*, p. 32.

25 Peinado, *Himnos sumerios*, p. 40.

o céu. Portanto todos a ela prestavam homenagem. Os homens, os deuses, animais, toda a natureza curvava-se diante da “pura Inanna”.<sup>26</sup>

As oferendas a Inanna eram as mais variadas. A ela se ofereciam incensos acesos nos terraços, em “lugares acolhedores” ou nos corredores das muralhas, colocados no alto para encher o céu com perfumes; ou se imolavam as melhores ovelhas, e se purificavam os altares para as oferendas onde se encontrava todo tipo de libações. Essa manifestação de agradecimento remonta novamente aos primórdios do culto, pois se oferecia em agradecimento pela abundância e em desejo de prosperidade. Ofertavam-se manteiga, frutas, cerveja de trigo, mel, vinho e flor de farinha, produtos da terra, dádivas da própria “deusa da vida”.<sup>27</sup> A flor de farinha indica que os campos estavam em flor, que a colheita seria favorável, assim como os outros produtos indicavam prosperidade, fertilidade e fecundidade, tão caras ao homem mesopotâmico em sua vida material e uma demonstração de prosperidade que refletia na vida espiritual.

Mas Inanna também era mulher, e, como tal, a divindade buscava o prazer e a beleza. As práticas sexuais de Inanna durante o *hierogamos* não se limitavam apenas à obrigação do ofício religioso, mas buscavam receber e dar prazer. Durante o festival havia licenciosidade sexual, orgias sagradas e profanas. O sexo desde épocas ancestrais era uma maneira de encontro com o sagrado e uma forma de comemorar a vida, pois era por meio dele que a vida acontecia, tanto humana quanto divina, no caso específico dos mesopotâmicos. Sendo a deusa do sexo, Inanna mostrava o caminho, ensinava os segredos do “abraço sagrado”. Ela purificava-se, banhava-se com sabão, untava o corpo com óleo perfumado e esperava ansiosa no leito. O rei chegava também ansioso por compartilhar o leito de Inanna e se unia a ela no “abraço sagrado”.<sup>28</sup>

Contudo, a união sexual promovida por Inanna não era apenas lânguida e voluptuosa, afinal ela era a “vaca selvagem”, a “doadora da vida”.<sup>29</sup> O ato sexual foi também desejo ardente e insaciável, pois o arado abria caminho na terra virgem. Ela era a deusa que 120 homens não conseguiam saciar, portanto era também o coito selvagem da sobrevivência,

26 Peinado, *Himnos sumerios*, p. 34-45.

27 Peinado, *Himnos sumerios*, p. 41.

28 Peinado, *Himnos sumerios*, p. 43-44.

29 Peinado, *Himnos sumerios*, p. 46.

dos primeiros ritos da fertilidade e da fecundidade. Inanna regia esse arquétipo ancestral que é o instinto sexual, presente nas formas de reprodução e produção da vida tribal.

Para Elaine Neunfeldt, Inanna era uma deusa com forte potencial erótico, típico do cotidiano da urbe.<sup>30</sup> Tribal e urbana, essa divindade ditou modelos de sexualidade válidos para qualquer ambiente. A união sexual de Inanna e Dumuzi descrevia em detalhes posições e carícias que eram praticadas:

Ele esculpiu meus quadris com suas doces mãos,  
 O pastor Dumuzi encheu meu colo com creme e leite,  
 Ele acariciou meus pelos púbicos,  
 Ele aguçou meu útero.  
 Ele tocou com suas mãos em minha sagrada vulva,  
 Ele alisou minha nau escura com seu creme,  
 Ele tocou minha nau estreita com seu leite,  
 Ele acariciou-me no leito.  
 Então eu acariciei o alto sacerdote no leito,  
 Eu acariciei o fiel pastor Dumuzi,  
 Eu acariciei seus quadris, a força do pastoreio da terra,  
 Eu decretei um doce destino para ele.<sup>31</sup>

As formas de culto estavam integradas à realidade mesopotâmica, interligava a religiosidade, a economia e a política, além de interferir nas práticas sexuais. A Corte de Inanna e Dumuzi possuía essas características estreitamente ligadas à vida daquela sociedade. Por ter sido uma deusa uraniana, como seu próprio nome indica, “Senhora do Céu”, teve como uma de suas principais características a soberania. No entanto, o modo de governar de Inanna possui atributos singulares, pois ela não governava apenas os homens, os deuses e a natureza, governava a força motriz capaz de fazê-los viver e sobreviver sobre a terra.

## Algumas considerações

Na religiosidade mesopotâmica, o *hierogamos* praticado dizia muito sobre a vida cotidiana daqueles povos, uma vez que se estivesse

30 Elaine Neunfeldt, “Inanna/Ishtar: uma deusa de simultâneas formas”, in: *O imaginário feminino da divindade*, São Paulo: Umesp, 1994, p. 59.

31 Kramer e Wolkenstein, *Inanna queen of heaven and earth*, p. 44.

restrito apenas às questões de Estado, como legitimador do poder real, o culto a Inanna teria desaparecido completamente diante do culto a Marduk. Ou se houvesse se mantido apenas no nível político e nada dissesse ao imaginário religioso daquelas culturas, perder-se-ia dentro do mito estatal.

Inanna governou o sexo em três modalidades principais: o sexo como reprodução (tanto como sobrevivência quanto como energia criadora); o sexo como prazer (sensual ou selvagem); e ainda o sexo como sagrado (como meio de conhecimento e encontro com o divino). Governou os homens e suas instituições sempre marcando seu território a partir de seu leito. Governou templos, grandiosos como o Eanna em Uruk, e estendeu seu culto a lugares mais distantes, como o Abgal em Umma, o Duranki em Nippur e o Edilmuna em Ur. Neles construiu seu lar, com servos que a alimentavam, sacerdotes que entoavam cantos, eunucos que prestavam serviços, sacerdotisas que oficiavam cerimônias diversas, com seus faustosos guarda-roupas, joias e tecidos dos mais diversos lugares, e fiéis que lhe traziam libações.

Inanna mostrou sentimentos demasiados humanos, como o ódio, o amor, a vingança, a volúpia, o desejo. Mostrou sua face de mulher caprichosa e arrogante. Escolheu seus amantes de sangue nobre ou plebeu. Escolheu suas joias e seus reinos, estendendo seus territórios físicos e espirituais. Tais características se estenderam às mulheres e influenciaram seu modo de vida, tornando-as uma espécie de extensão da personalidade da divindade.

As relações sexuais na Mesopotâmia possuíam um estatuto que nossa concepção ocidental cristã desconhece e, portanto, torna difícil a apreensão e a conceitualização. No mesmo raciocínio, podemos incluir o conceito de sagrado feminino, uma vez que estamos acostumados ao dualismo bem-mal e à negação da sexualidade divina.

Acreditamos que as influências exteriores e interiores nas religiosidades mesopotâmicas não foram apenas apreendidas ou apropriadas. Essas influências foram filtradas, diluídas e transformadas pelo sistema simbólico templário para ser assimiladas e aceitas (total ou parcialmente) pela comunidade. Mas, ao mesmo tempo em que as gerenciava, esse sistema simbólico também irradiava e propagava sua influência a outras culturas dentro e fora dos limites territoriais, provocando assim uma circularidade

intercultural, temporal e geográfica, além de ceder aos apelos da religiosidade popular, até mesmo por uma questão de sobrevivência do sistema templário.

O culto a Inanna sobreviveu às mudanças sociais e climáticas, resistiu na mentalidade coletiva, arquétipo mutante, modelo exemplar, sagrado entrelaçado no profano, mundo divino, reflexo do humano e humano do divino.

---

recebido em 02/11/2012 • aprovado em 28/12/2012